

E AGORA, BRASIL?

Caminhos tortuosos aguardam Bolsonaro

Com alto índice de rejeição, presidente precisará desconstruir a candidatura de Moro para ter alguma chance de ser reeleito

» INGRID SOARES
» TAÍSA MEDEIROS

O ano de 2022 não será fácil para Jair Bolsonaro. Pré-candidato à reeleição, o presidente da República sabe que a permanência no Palácio do Planalto depende de uma reação na corrida eleitoral — há risco de a candidatura nem chegar ao segundo turno — e da superação de obstáculos complicados para o governo. Além de força eleitoral para vencer adversários como Luiz Inácio Lula da Silva e Sergio Moro, entre outros, Bolsonaro precisará convencer os brasileiros de que reúne condições para recuperar a economia, após dois anos de pandemia da covid-19.

Especialistas ouvidos pelo *Correio* avaliam, no entanto, que o presidente tenderá a repetir a postura de 2018. Eles acreditam que o presidente subirá ainda mais o tom contra os principais adversários e acenará cada vez mais ao eleitorado mais fiel.

“Eu vislumbro um cenário de acirramento das posturas, declarações e narrativas que fizeram eco em grande parte do eleitorado em 2018”, afirma Ricardo Caichiolo, cientista político do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais do Distrito Federal (IB-MEC - DF).

Segundo Caichiolo, os bolsonaristas convictos serão fundamentais para melhorar a performance do presidente na tentativa de reeleição. Não é uma tarefa trivial. Os índices de descontentamento com o governo estão elevadíssimos. Uma pesquisa divulgada no último dia 14 pelo Instituto de Pesquisas Cananéia (Ipec) mostra que a rejeição ao governo Bolsonaro atingiu 55%. Trata-se do maior percentual desde o início do mandato, em 2019. No levantamento anterior, em setembro, a reprovação estava em 53%. Já a aprovação ficou em 22%. O estudo do Ipec mostra que o ex-presidente Lula (PT) tem 48% das intenções de voto para a Presidência da República em 2022, enquanto Bolsonaro reúne 21%. Com esses números, o atual titular do Planalto corre o risco de ser abandonado pela base composta pelo Centrão.

É o que acredita o deputado federal Marcelo Freixo (PSB-RJ). O parlamentar define o Centrão como “pragmático”. “Havendo qualquer possibilidade mais real de inviabilidade eleitoral do Bolsonaro, não tenho a menor dúvida de que o Centrão migrará para outra campanha, provavelmente a de Lula, já que a do Moro é uma candidatura muito semelhante”, analisa.

O cientista político André Rosa resalta as dificuldades que se apresentam ao chefe do Executivo. “Até mesmo a reeleição de Dilma Rousseff ilustra uma turbulência menor, apesar das denúncias do petróleo. Portanto, mesmo com o poder da máquina pública e com a viabilidade do Auxílio Brasil, algumas candidaturas já fazem Bolsonaro ficar

Corrida de obstáculos

O que o presidente precisa enfrentar no caminho da reeleição



Valdo Virgo e Kleber Salles/CB/D.A Press

mais fragilizado na disputa”, avalia. Rosa observa que, assim como o antipetismo levou Bolsonaro à cadeia palaciana em 2018, o antibolsonarismo pode tirá-lo do Planalto em 2023.

O analista acredita que, até o primeiro turno, o foco de Bolsonaro será direcionado à candidatura de Sergio Moro, concorrente que vem tirando votos do presidente de maneira expressiva. Para enfrentar essa batalha, Bolsonaro deverá atuar em duas frentes: na desconstrução do ex-juiz

e em programas sociais na tentativa de reverter a queda na popularidade. “Ao que tudo indica, Bolsonaro não tem uma estratégia definida para conter a debandada do setor empresarial, a única estrutura que ainda o sustenta é a figura já fragilizada de Paulo Guedes”, avalia Rosa.

Freixo afirma que Bolsonaro se encontra em situação difícil, pois não pode mais lançar o discurso antigoverno, que funcionou em 2018. “Ele não pode ser candidato negando o governo

que teve, comportando-se como inovação sobre um governo que é dele mesmo, o que é estapafúrdio. O grande problema é que ele não consegue apresentar resultados. Há uma crise muito profunda, os números não são bons e a perspectiva não é boa”, opina o parlamentar.

Ricardo Ismael, cientista político da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), analisa que as perspectivas são desafiadoras para o titular do Planalto.

“O ano de 2022 é emblemático.

Bolsonaro ainda é um candidato competitivo para ir ao segundo turno, mantendo pouco mais de 20% de intenção de votos. Mas será uma tarefa árdua tentar reduzir a rejeição e chegar ao segundo turno com condições de vencer. O ano termina com Bolsonaro tendo que pensar em como reduzir sua rejeição, principalmente nos grupos de menor renda onde o presidente Lula tem grande vantagem. Precisará ter cuidado, pois, com a entrada de Moro, uma boa parte do

eleitorado que votou nele, pode migrar para o ex-juiz, tornando mais difícil a trajetória de Bolsonaro daqui para a eleição do próximo ano”, analisa.

Ismael também vê o presidente, neste momento, mais preocupado com seu ex-ministro. “Bolsonaro vai lutar para tentar recuperar prestígio junto ao eleitorado de baixa renda e começará a subir o tom contra Moro na tentativa de desconstrução. Isso já se verifica nas redes”, avalia.